

RIMBAUD: UM HÍBRIDO SUBALTERNO EM CONTEXTO COLONIAL?

Lohaine Jardim Barbosa¹

Este trabalho visa produzir reflexões sobre subalternidade e hibridação em condições de modernidade ampliada, a partir de uma leitura indiciária da obra e vida de Arthur Rimbaud. Para tanto, empreendo uma análise indiciária de sua poesia e seus poemas, em especial, “Carta do Vidente” e “Alquimia do Verbo”, entre outros, e também de cartas escritas por Rimbaud ou endereçadas a ele. Uma outra fonte de dados privilegiada neste trabalho foi a utilização de biografias do autor, pretendendo-se uma “prosopografia”, ou seja, um estudo de sua vida a partir de seus relacionamentos, suas cartas, relatos, e suas interações.

E procuro, construir um campo de visões/enunciações da subalternidade presentes nos poemas e poesias do autor, e também experienciada pelo próprio poeta em suas fugas de casa e viagens pela África. Destacando o “ocidente subalterno”, propondo a leitura da “enunciação poética” de Rimbaud enquanto uma enunciação subalterna em contexto colonial (um camponês, meio francês meio alemão, na Paris burguesa do século XIX, irrompendo a cena intelectual e posteriormente desiludido e negando seu passado, seu nome e sua poesia). No citado capítulo proponho a discussão do autor enquanto um “intelectual desterritorializado”, refletindo sobre a possibilidade deste servir de modelo para se compreender o enunciado subalterno, mesmo dentro de um contexto colonial, e não num contexto pós colonial como o conceito vem sendo tratado pelos seus principais teóricos Hommi Bhabha (1998), Hannerz(1997), entre outros.

Ao discutir o hibridismo, proponho a noção de “subjetividade subalterna”² e enfatizo a importância das teorias que tratam dos processos de hibridação para uma melhor compreensão dos complexos fenômenos de formação e transformação das

¹ Mestranda em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Espírito Santo, Especialista em comunicação Estratégica e Gestão de Imagem/UFES lohainejardim@yahoo.com.br

² Prefiro a utilização do termo “subjetividade” em lugar de “identidade” como se costuma referir os textos dos autores de referência, utilizados aqui. A perspectiva que procuro acentuar com isso, diz respeito à fluidez e desterritorialização do sujeito.

subjetividades em condições de subalternidade – que nasceriam do agenciamento.

Palavras Chave: Pós colonialismo, hibridização, subalternidade

1. HIBRIDISMO E A EMERGÊNCIA DO SABER SUBALTERNO

“Híbrido” do grego *hybris*, representa uma mistura que violava as leis naturais. Para os gregos o termo correspondia à desmedida, ao ultrapassar das fronteiras, um ato que exigia imediata punição. Híbrido é também o que participa de dois ou mais conjuntos, gêneros ou estilos, aquilo que nasce da reunião de coisas diferentes, da mistura. Considera-se híbrida a composição de dois elementos diversos anormalmente reunidos para originar um terceiro elemento, que pode ter as características dos dois primeiros (reforçadas ou reduzidas), ou seja, ele pode dividir ou potencializar características de seus elementos constituintes.

O termo híbrido tem sido utilizado, sobretudo, pela crítica pós-moderna preferentemente aos termos mestiçagem ou sincretismo, uma vez que o termo mestiçagem estaria principalmente associado à mistura de raças, no sentido de miscigenação, enquanto que o termo sincretismo estaria associado à mistura de diferentes credos religiosos. Assim, hibridação seria a expressão mais apropriada quando queremos abarcar diversas mesclas interculturais.

Entretanto, se reconhece que a produção de híbridos não é um fenômeno moderno. Essas formas mistas sempre estiveram presentes em diversos tempos e diversas culturas, o que é posto em evidência pela crítica pós-colonial e o fato de a produção de seres e objetos híbridos, em termos da modernidade, ter operado uma irreversível transgressão das fronteiras expressas por dicotomias que estiveram na base das categorias de entendimento e classificação do mundo moderno. O que esses autores destacam é a permeabilidade das fronteiras convencionais que separam os vários níveis de cultura, os gêneros culturais, a ciência e a tecnologia, e fazem emergir fenômenos e objetos híbridos enquanto traço das dinâmicas culturais no mundo contemporâneo.

Essas dinâmicas desenvolvem-se numa área marcada pela tensão entre a globalização cultural e re-articulação local de configurações culturais. Desse embate, se têm originado diferentes formas de pensar a condição “pós moderna” que se opõe à celebração dessa condição na tentativa de construir um pensamento reflexivo e crítico contemporâneo. Ao retomar o pensamento crítico, essas correntes se permitem o desbravar de novos territórios culturais, abarcando a diversidade das formas de associação, dissociação e interconexões constituintes dos novos repertórios culturais emergentes, bem como as implicações sociais e políticas dessa dinâmica.

Num mundo saturado de fenômenos híbridos, que parecem desafiar e transgredir constantemente as fronteiras que a modernidade sempre fez questão de destacar, as quais limitamos e condicionamos a forma como habituamos a pensar a realidade - a partir de oposições e binarismos como natureza/cultura, estado/sociedade civil, humano/não-humano, masculino/feminino, centro/periferia, ciência/arte - são postas em cheque.

Operam-se desconstruções de visões e divisões do mundo e da sociedade, permitindo às categorias serem revisadas em prol da emergência de novos enunciados, novas verdades e vozes nunca antes destacadas, reconhecidas por Mignolo como *pensamento liminar* (2003):

[...] o *pensamento liminar* deve ser entendido como algo que transcende a epistemologia e a hermenêutica ao mesmo tempo em que evita o confronto entre as mesmas, visto que, apesar de não se equivaler nem a *doxa* nem a *episteme*, pode ser compreendido como um conhecimento geral que as inclui (MIGNOLO, 2003:31).

Walter Mignolo (2003) acrescenta novas possibilidades interpretativas e de utilização do termo “híbrido” para designar os *entrelugares* culturais denominados por Bhabha (2005) como *terceiro espaço*. Nesses espaços cujos sistemas de pensamento, embora admitam a hierarquização das formas de conhecimento sob a égide da razão, se convergiram diferentes perspectivas epistemológicas, donde se torna possível o reconhecimento dos saberes subalternizados sob a égide da razão instrumental moderna.

Mignolo ressalta a constituição dos sistemas marginais de pensamento construídos no

espaço colonial, os quais, apesar de híbridos, formam-se tendo como base a distinção entre hermenêutica e epistemologia, e as categorizações ocidentais hierarquizadas advindas do encobrimento colonizador. Dessa maneira as próprias formas de conhecimento pós-coloniais atuam como perpetuadoras da subalternização dos *outros* tipos de conhecimento que a compõem. Ou seja, produziram suas categorias de entendimento com base nas estruturas de dominação criadas pela colonização, reproduzindo as mesmas estruturas de dominação que a *colonialidade do poder* perpetua e manifesta sob o emblema do racionalismo.

Ao reconhecer as potencialidades do pensamento liminar, Minolo não apenas reconhece as formas de saber subalternizadas como objetos de estudos válidos, mas as legitima como enquanto saber válido.

O saber antes considerado subalterno se torna conhecimento produzido na liminaridade, fruto de um choque entre dois mundos (o mundo da racionalidade moderna e o mundo da tradição e do diferente) que resultaria num fenômeno cultural original e subversivo. Retomando o *hibridismo* concebido por Bhabha (1998), podemos apontar para a insurreição de um pensamento das margens, produzido em condição de liminaridade, como resultado de uma negociação em que a apropriação do discurso hegemônico e sua re-significação se transformam em ato de resistência e de reconhecimento de uma condição subalterna de enunciação.

Assim sendo, o conceito de *hibridismo* ou *hibridação* ajuda a compreender as identidades e os processos de subjetivação a partir de um processo fluido de construção e desconstrução, negociações e lutas por reconhecimento. Assim, o sujeito híbrido da crítica pós-colonial, é visto como um sujeito descentrado, desterritorializado, típico da heterogeneidade “pós-moderna”.

É nessa perspectiva, que apesar de estar direcionando minhas reflexões para o “ocidente subalterno”, busco enquadrar Rimbaud enquanto poeta híbrido, dada a originalidade e subversão de sua poética bem como em virtude de sua posição enquanto “subalterno” em meio à intelectualidade francesa de seu período (1854-1891).

Como jovem camponês, ele não se enquadrava bem nos círculos burgueses, sendo

considerado “selvagem” demais para o círculo artístico. O mesmo ocorria com sua poesia, e sua prosa poética, à frente da tradição de sua época, o que lhe deu o título de gênio da poesia francesa, quando já havia desistido de escrevê-la. Como destaca seu biógrafo, Charles Nicholl (2007) sobre a relação de sua poesia e seus anos na África, o seu livro “Uma temporada no Inferno”:

Trata-se, também de um manancial de temas e motivos e ,de fato, profecias no estilo *voyant* de sua vida no futuro: “a marcha, o fardo, o deserto, o tédio, a fúria”. A renúncia a poesia é vislumbrada.(NICHOLL, 2007:104).

São fatos como esse, que misturam sua biografia e sua poesia, que considero inseparáveis, como o próprio poeta comprovou em “Uma Temporada no Inferno”, onde mistura relatos de suas viagens e fugas, com lembranças da infância e angústias pessoais – temas e questões que pretendo analisar a partir do conceito de *hibridismo* e *subalternidade*. Pretendo relacionar os dois conceitos, para localizar o poeta enquanto um “intelectual desterritorializado” e refletir sobre a subjetividade subalterna e a importância das teorias que tratam dos processos de hibridação para a compreensão dos complexos fenômenos de formação e transformação das subjetividades em condições de subalternidade.

2. RIMBAUD O INTELECTUAL EM ESTADO SELVAGEM : O POETA SUBALTERNO

A transformação é algo constante em Arthur Rimbaud, bem como sua ânsia de conhecer o desconhecido, sua sensação de que sua cidade natal, a pequena Charleville, seria pequena demais para seu gênio e natureza desbravadores.

Abandonado pelo pai ainda criança, tendo sido criado pela mãe, rodeado de irmãos e tendo pouca relação com seu irmão mais velho, o jovem Rimbaud se destacava na escola pela facilidade com que dominava o latim e compunha versos nessa língua. Quando de sua pequena fuga para Paris, sem sucesso, o jovem de 16 anos experimentou a liberdade da estrada e a subversão de ter sido preso como revolucionário comunista,

em virtude das ebulições políticas que aconteciam a essa época (NICHOLS, 2007).

Embora já demonstrasse uma natureza curiosa e desprendida, de quem se joga no mundo sem medos, ele ainda conservava uma ansiedade infantil pelo novo, não se tratava ainda de uma necessidade inconsciente de “deixar para trás”, abandonar o presente constantemente, como ira acontecer depois, principalmente, de sua relação conturbada com o também poeta Paul Verlaine.

Rimbaud, primeiro abandona a casa da mãe, depois os amigos de escola, em especial seu professor e cúmplice Delayhe. Posteriormente, abandona Verlaine, e também a poesia. Não conseguia se habituar à monotonia, tinha que estar sempre na liminaridade entre o novo e o conhecido. O desconhecido o instigava, seduzia, por isso passou a “colonizado” ocidental e “colonizador colonizado do Oriente”. A posição de colonizador nunca lhe foi confortável, daí sua solidariedade para com viajantes pobres, mendigos e a população pobre dos países que frequentou. Tendo conhecido o frio, a fome, o calor intenso, e a febre da indigência, não se tratava apenas de solidariedade, mas cumplicidade, com relação aos subalternos, e desterritorializados. Rimbaud se sentia sempre um estrangeiro, mas a todo o momento se esforçava para conhecer a realidade nativa, aprendia facilmente a língua dos nativos e fazia amizade com todos os tipos locais, por mais estranhos ao que conhecia. Sem dúvida se identifica com a condição subalterna e se colocava em alteridade com o mundo.

3. QUE É ESSE SUBALTERNO?

O termo subalterno foi introduzido nas teorias marxistas em substituição ao termo proletariado empunhado por Gramsci, para tentar escapar da censura, mas, como nota Gayatri Spivak, “[...]a palavra logo abriu novos espaços, como as palavras sempre o fazem, e incorporou a tarefa de analisar aquilo que o termo “proletário”, produzido sob a lógica do capital, não era capaz de cobrir”. (SPIVAK apud REIS, 2003:20).

Assim, o conceito foi sendo ampliado, servindo a uma série de categorias, conceitos e sujeitos cada vez mais centrais para as teorias contemporâneas. A produção cultural do subalterno e o debate sobre a subalternidade têm consolidado uma tendência dominante na teoria crítica, principalmente naquelas em que a diferença cultural se torna característica do tecido social em questão. Podemos dizer que o discurso sobre a diferença cultural estabelece uma espécie de política das minorias e da subalternidade, levando assim à valorização das culturas das minorias e em alguns momentos culminando também, com o que podemos chamar de um “elogio ao híbrido”.

Segundo aponta Angela Prysthon, ao analisar o conceito de subalteridade a partir da construção de um panorama da utilização de imagens de sujeitos periféricos na mídia brasileira em seu artigo “*Imagens periféricas – entre a hipérbole freak e a voz do subalterno*” a produção da cultura subalterna tecida a partir das representações de subalternidade seriam um negativo das narrativas hegemônicas:

[...]ao examinarmos a produção cultural subalterna propriamente dita, ou mais exatamente, ao nos depararmos com as representações de subalternidade tecidas no interior da própria subalternidade, tudo é muito diferente: estamos diante do avesso dessa busca de imagens alternativas, passamos ao largo da reconstrução do típico, da revalorização do excêntrico ou do confronto do etnográfico com o inesperado. A representação do subalterno (as imagens de subalternidade pelo próprio subalterno) é um “negativo” das narrativas hegemônicas.(PRYSTHON, 2005:446)

O reconhecimento e elevação das diferenças culturais ao nível de dado e episteme, instituíram um imperativo para o teórico da cultura que foi a necessidade de se construir uma moldura conceitual que redefinisse o papel das minorias, dos subalternos, dos “condenados da terra”³. Ou seja, daqueles que na teoria marxista ocupavam o lugar legado ao Terceiro Mundo e que hoje se encontram disseminados em *entremundos*.

Comentando a obra de Spivak (uma das mais destacadas representantes da teoria crítica pós-colonial), Robert Young considera a classificação de subalterno tanto para a historiografia (e no nosso caso específico aqui, a cultura) produzida pelo “Outro”, como o sujeito que a produz:

³

Lembrando Frantz Fanon

O historiador subalterno (o subalternista) não apenas localiza instâncias históricas de insurgência, mas também se alinha à subalternidade como uma estratégia para “levar a historiografia hegemônica a uma crise” – o que resulta numa boa descrição da estratégia de orientação do próprio trabalho de Spivak.(YOUNG, 1990 Apud PYSTHON, 2005: 442).

No caso de Rimbaud, isso seria de fato verídico. Assim como o *historiador subalterno* de Young, o poeta não só reconhece o “Outro” subalterno como se reconhece enquanto esse “Outro” da subalternidade, da liminaridade. Quando cita em seu poema “*Je est un autre*”⁴ se efetiva e coloca esse “*autre*” enquanto enunciador e enunciação da subalternidade.

Esse “Outro” desterritorializado, esse sujeito em devir, em mutação de si, em alteridade constituinte é o sujeito híbrido de Bhabha (1998) e também o sujeito desterrado de Fanon⁵. Esse sujeito descentrado é diverso, sempre “um outro”. Permite-nos alcançar não apenas a diversidade enquanto dado, mas também enquanto o descentramento que inverte valores, onde a margem se coloca no centro, se torna a condição do ser, ou melhor dizendo do devir: o *vir a ser* de Deleuze (1998). Como um sujeito que se situa sempre entre dois mundos, nas palavras do próprio Deleuze:

Devir é jamais imitar, nem fazer como, nem ajustar-se a um modelo, seja ele de justiça ou de verdade. Não há um termo de onde se parte, nem um ao qual se chega ou se deve chegar. Tampouco dois termos que se trocam. A questão “o que você está se tornando?” é particularmente estúpida. Pois à medida que alguém se torna, o que ele se torna muda tanto quanto ele próprio. Os devires não são fenômenos de imitação, nem de assimilação, mas de dupla captura, de evolução não paralela, núpcias entre dois reinos.(DELEUZE-PARNET, 1998:10)

Assim, o conceito de entre-lugar, tal como concebido por Silviano Santiago (1978), pode ajudar na compreensão dessa “subjetividade subalterna” que procuro representar com Rimbaud. Mesmo nesse caso, se tratando de um intelectual ocidental, sua posição enquanto camponês, meio frances meio gaulês, meio germânico, gênio e selvagem – como definem seus conhecidos – e sua posição marginal enquanto poeta, faz com que

⁴ Eu é um outro

⁵ FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Juiz de Fora: UFJF, 2006

possamos identificá-lo a partir de uma enunciação subalterna da qual fala o intelectual latino-americano de Santiago (1978). O Rimbaud sem território que ganha as ruas de Paris, Londres e parte em busca do excêntrico na África, embora pare de escrever poesia, faz de sua vida sua obra poética de descentrar sempre.

Zourabichvili comenta o trecho citado de Deleuze identificando o fenômeno da desterritorialização dos termos heterogêneos comuns a todo o devir:

[...] todo devir forma um "bloco", em outras palavras, o encontro ou a relação de dois termos heterogêneos que se "desterritorializam" mutuamente. Não se abandona o que se é para devir outra coisa (imitação, identificação), mas uma outra forma de viver e de sentir assombra ou se envolve na nossa e a "faz fugir". (ZOURABICHVILI, 2004:24-25)

Esse encontro ou relação entre termos heterogêneos é o que marca a própria constituição do ser híbrido, e se encontra na base da produção de um discurso subalterno, onde o marginal é um produto do hegemônico ao mesmo tempo em que o subverte e se torna a negação do mesmo na afirmação de um "eu" que é sempre outro. É essa mesma forma de viver e de sentir que faz de Rimbaud um eterno fugitivo, uma fuga típica do desterrado, daquele que se angustia em sua própria crise de referencial.

O enunciado subalterno seria o discurso em devir, aquele que sempre relaciona termos heterogêneos e que produz hibridismos em resistência a um discurso dotado de poder (hegemônico). Um processo que envolve a produção de si: uma promoção de uma identificação subalterna, mas não uma identidade, uma vez que este sujeito se encontra em devir. Talvez por isso, prefiro utilizar aqui o termo "subjetividade subalterna".

Deleuze diz que "*o escritor é um homem que viu e ouviu coisas demasiado grandes, fortes, irrespiráveis, e regressa de olhos vermelhos e com os tímpanos perfurados*" (DELEUZE, 1997:14). Essa poderia ser uma descrição do poeta viajante que Rimbaud se tornou.

O enunciado subalterno é produzido sempre por um sujeito subalterno, seja ele um intelectual, um escritor ou um poeta, e os indícios desse enunciado subalterno ocidental podem ser identificados, especialmente em duas poesias sobre as quais me dedico

agora.

4. OS INDÍCIOS DE UMA ENUNCIÇÃO SUBALTERNA EM RIMBAUD

Para as reflexões que promovo aqui, escolhi em especial duas importantes e significativas poesias de Rimbaud: as denominadas “Cartas do Vidente” que na verdade foram duas cartas contendo poesias, uma enviada ao seu amigo Georges Izambard, e uma outra contendo a poesia “Canto de Guerra Parisiense”, endereçada a Paul Demeny e “Alquimia do Verbo” que compões sua coletânea denominada “Iluminúrias”:

“DELÍRIOS II
Alquimia do Verbo

Para mim. A história das minhas loucuras.

Há muito me gabava de possuir todas as paisagens possíveis, e julgava irrisórias as celebridades da pintura e da poesia moderna.

Gostava das pinturas idiotas, em portas, decorações, telas circenses, placas, iluminuras populares; a literatura fora de moda, o latim da igreja, livros eróticos sem ortografia, romances de nossos antepassados, contos de fadas, pequenos livros infantis, velhas óperas, estribilhos ingênuos, ritmos ingênuos.

Sonhava com as cruzadas, viagens de descobertas de que não existem relatos, repúblicas sem histórias, guerras de religião esmagadas, revoluções de costumes, deslocamentos de raças e continentes: acreditava em todas as magias.

Inventava a cor das vogais! - **A** negro **E** branco, **I** vermelho, **O** azul, **U** verde. Regulava a forma e o movimento de cada consoante, e, com ritmos instintivos, me vangloriava de ter inventado um verbo poético acessível, um dia ou outro, a todos os sentidos. Era comigo traduzí-los.

Foi primeiro um experimento. Escrevia silêncios, noites, anotava o inexprimível. Fixava vertigens.” (RIMBAUD, 1983:91)

Nessa poesia Rimbaud fala de seu próprio processo de criação, de relação com os artistas de sua época “e julgava irrisórias as celebridades da pintura e da poesia moderna”, também de seus sonhos em alcançar lugares nunca antes relatados, de costumes diferentes, ou seja, os mundos que desejava conhecer, como fez viajando para a África: “Sonhava com as cruzadas, viagens de descobertas de que não existem

relatos, repúblicas sem histórias, guerras de religião esmagadas, revoluções de costumes, deslocamentos de raças e continentes: acreditava em todas as magias”. Seus lugares mágicos são os lugares de sua transformação, de seu contato com o exótico, de sua vivência de subalternidade.

Seu projeto, ou pelo menos aquele de que se vangloriava ter conseguido, era o de ter inventado “um verbo poético acessível, um dia ou outro, a todos os sentidos”. Ou seja, um código poético capaz de subverter os limites culturais, espaciais e epistemológicos. Sua linguagem universal não é uma linguagem racional, e sim uma linguagem assimilável pelos sentidos, eram emoções, percepções, o inexprimível que seria traduzido por ele. Sua poesia não pode ser chamada de intimista, pois apesar de sua intensa marca subjetiva, este julga falar em nome de algo maior, seu Projeto é um projeto de se empreender o conhecimento, algo que sai de si e se projeta no Outro e na Sociedade. A poesia é seu experimento pessoal, uma linguagem nova, sua mistura, seu projeto de hibridação, onde o poeta é o único tradutor e por isso é também capaz de escrever silêncios e anotar o inexprimível. Este considera a sua poesia “objetiva”, como afirma em sua carta endereçada ao seu Professor da escola primária, Georges Izambard:

“Charleville, 13 de maio de 1871

Caro Senhor!

Ei-lo novamente professor. Devemo-nos à Sociedade, disse-me o senhor; o senhor faz parte dos corpos de ensino: o senhor vai no bom caminho. – Eu também, sigo o princípio: faço-me cinicamente sustentar; desenterro antigos imbecis do colégio: tudo o que posso inventar de idiota, de sujo, de ruim, em ação e em palavras, dou a eles: pagam-me em canecas e em moças. Stat mater dolorosa, dum pendet filiu.

– Devo-me à Sociedade, está certo, – e tenho razão. – O senhor também, o senhor tem razão, por hoje. No fundo, o senhor só vê em seu princípio poesia subjetiva: sua obstinação em voltar à manjedoura universitária – perdão! – o prova. Mas o senhor sempre terminará como um satisfeito que nada fez, já que nada quis fazer. Sem contar que sua poesia subjetiva sempre será horrivelmente enfadonha. Um dia, espero – muitos outros esperam a mesma coisa –, verei em seu princípio a poesia objetiva – eu a verei mais sinceramente do que o senhor seria capaz! Serei um trabalhador: é essa a idéia que me retém quando as loucas cóleras me impelem para a batalha de Paris, onde tantos trabalhadores ainda morrem enquanto lhe escrevo! Trabalhar agora, jamais, jamais; estou em greve.

Agora encrapulo-me o mais possível. Por quê? Quero ser poeta, e trabalho para tornar-me vidente: o senhor não compreenderá de modo algum, e eu quase não poderia explicar-lhe. Trata-se de chegar ao desconhecido pelo desregramento de todos os

sentidos. Os sofrimentos são enormes, mas é preciso ser forte, ter nascido poeta, e eu me reconheci poeta. Não é absolutamente minha culpa. Está errado dizer: Eu penso. Deveríamos dizer: Pensam-me. Perdão pelo jogo de palavras.

EU é um outro. Azar da madeira que se descobre violino, e danem-se os inconscientes que discutem sobre o que ignoram completamente!

O senhor não é professor para mim. Dou-lhe isto: será sátira, como o senhor diria? Será poesia? É fantasia, ainda. – Porém, suplico-lhe, não sublinhe nem com lápis, nem demais com o pensamento:

CORAÇÃO SUPPLICIADO⁶

[...]

Isso quer dizer alguma coisa.

RESPONDA-ME, endereçando ao sr. Deverrière, para A. R.

Bom dia de coração,”

Arthur Rimbaud⁷ (RIMBAUD, 1994)

O Projeto de Rimbaud é de produzir uma poesia concreta, esse concreto o levaria a viver essa poesia, talvez. E quando acusa seu professor de fazer uma poesia subjetiva e terminar como um satisfeito que nada fez, porque nada quis fazer, afirma que quer ser poeta e por isso se encrapula. Num jogo de palavras o poeta é um crápula, talvez alguém que finge, mas seus planos seriam maiores: “*Trabalho para tornar-me vidente*”, esse tornar-se vidente dependeria de se ter nascido poeta, ou seja, viver desde o nascimento a “poesia”, ou aprender a sê-lo chegando ao desconhecido “*pelo desregramento de todos os sentidos*”.

Mais uma vez, Rimbaud usa o jogo de palavras para enfatizar a alteridade do ser (estar), da subjetividade comum ao movimento de devir – movimento da vida: “*Está errado dizer: Eu penso. Deveríamos dizer: Pensam-me. Perdão pelo jogo de palavras*”, aqui o eu depende do “outro”, da visão do outro, de existir para o outro, desse forma, “sou pensado”, ou como prefere Rimbaud “pensam-me” já que esse outro são “outros”.

Nesse sentido, o desregramento dos sentidos é uma subversão da racionalidade moderna, é um retorno ao “sensível”, ao recuperar os sentidos que o homem perdeu

⁶ Rimbaud transcreverá nestas cartas alguns poemas, mais tarde publicados. Remetemos o leitor à edição brasileira bilíngüe preparada em 1995 por Ivo Barroso. Esse poema será depois conhecido como “Coração roubado” [“Coeur volé”] (Em: Rimbaud, Arthur. Poesia completa. Rio de Janeiro: Topbooks, 1994:152-3).

⁷ N. do T. Rimbaud transcreverá nestas cartas alguns poemas, mais tarde publicados. Remetemos o leitor à edição brasileira bilíngüe preparada em 1995 por Ivo Barroso. Esse poema será depois conhecido como “Coração roubado” [“Coeur volé”] (Em: Rimbaud, Arthur. Poesia completa. Rio de Janeiro: Topbooks, 1994:152-3)

para a razão. Da mesma forma, esses sentidos são também re-pensados, precisam ser despídos do próprio sentir que lhes era comum, precisam ser re-interpretados pelo sempre outro “eu”.

Esse “eu” também não deixa de hibridar-se, pois, a todo momento é devir que se faz em movimento e transmutação, assim como o “o poeta se faz vidente”⁸. Esse tema da transformação do poeta em Vidente é tratado por Rimbaud em carta escrita dois dias após a citada (13 de maio de 1871), conhecida como “*Segunda Carta do Vidente*”, dessa vez endereçada ao seu amigo e cúmplice, Paul Demeny, onde encontraremos e primeira versão do Poema *Canto de Guerra Parisiense* que irá compor suas “*Obras Completas*”:

“Charleville, 15 de maio de 1871

Resolvi dar-lhe uma hora de literatura nova. Começo de imediato por um salmo atual:

CANTO DE GUERRA PARISIENSE⁹

[...]

– Agora um pouco de prosa sobre o futuro da poesia:

Toda poesia antiga termina na poesia grega, Vida harmoniosa. – Da Grécia ao movimento romântico, – idade média – há letrados, versificadores. De Ennius a Thérouldus, de Thérouldus a Casimir Delavigne, tudo é prosa rimada, um jogo, deformação e glória de inúmeras gerações idiotas: Racine é o puro, o forte, o grande. – Houvessem insuflado suas rimas, embaralhado seus hemistíquios, e o Divino Idiota seria hoje tão ignorado quanto o primeiro autor de Origens. – Depois de Racine, o jogo embolorou. Durou dois mil anos!

Nem pilhéria nem paradoxo. A razão me inspira mais certezas sobre o tema do que, de raiva, poderia um dia ter um Jeune-France. De resto, os novos são livres para execrar seus antecessores: estamos em casa e temos tempo.

O romantismo jamais foi bem julgado. Quem o teria julgado? os críticos!! Os românticos? que provam tão bem que a canção poucas vezes tem a ver com a obra, isto é, com o pensamento cantado e compreendido pelo cantor?

Pois EU é um outro. Se o cobre desperta clarim, não é por sua culpa. Isso me é evidente: assisto à eclosão de meu pensamento; contemplo-o; escuto-o; faço um movimento com o arco: a sinfonia faz seu movimento no abismo, ou de um salto surge na cena.

Se os velhos imbecis não houvessem encontrado do Eu apenas a significação falsa, não teríamos que varrer estes milhões de esqueletos, que há um tempo infinito, acumularam os produtos de sua inteligência caolha, proclamando-se autores!

⁸ Em citação a uma outra carta, dessa vez endereçada a Paul Demeny, seu amigo de escola.

⁹ Rimbaud, Arthur. *Poesia completa*. Ob. cit.:132-5.

Na Grécia, eu disse, versos e líras ritmam a Ação. Depois, música e rimas são jogos, passatempos. O estudo desse passado encanta os curiosos: muitos se divertem renovando essas antiguidades: – isso é feito para eles. A inteligência universal sempre lançou suas idéias naturalmente; os homens reuniam uma parte desses frutos do cérebro: agia-se por eles, escreviam-se livros: essa era a marcha, uma vez que o homem não trabalhava a si mesmo, não havia ainda despertado, não estava ainda na plenitude do grande sonho. Funcionários, escritores: autor, criador, poeta, esse homem nunca existiu!

O primeiro estudo do homem que quer ser poeta é seu próprio conhecimento, completo; ele busca sua alma, investiga-a, tenta-a, aprende-a. Assim que a conhece, deve cultivá-la; isso parece simples: em qualquer cérebro se realiza um desenvolvimento natural; tantos egoístas se proclamam autores; e há outros que atribuem a si mesmos seu próprio progresso intelectual! – Mas trata-se de tornar a alma monstruosa: à maneira dos comprachicos, ora! Imaginem um homem implantando e cultivando verrugas em seu próprio rosto.

Digo que é preciso ser vidente, fazer-se vidente.

O poeta se faz vidente por meio de um longo, imenso e estudado desregramento de todos os sentidos. Todas as formas de amor, de sofrimento, de loucura; ele busca por si mesmo, esgota em si todos os venenos, para guardar apenas suas quintessências. Inefável tortura em que ele precisa de toda a fé, de toda a força sobre-humana; em que ele se torna entre todos o grande doente, o grande criminoso, o grande maldito, – e o supremo Sábio! – Pois ele chega ao desconhecido! Já que cultivou sua alma, já rica, mais que qualquer outro! Ele chega ao desconhecido; e quando, enlouquecido, acabar perdendo a inteligência de suas visões, ele as viu! Que exploda em seu salto por entre as coisas inauditas e inomináveis: outros horríveis trabalhadores virão, e começarão pelos horizontes em que o outro [...]”(RIMBAUD, 1994:132-5).

Nessa carta, vale destacar a percepção do poeta sobre a descartabilidade do considerado antigo face à busca pelo sempre novo, característica da modernidade: “*De resto, os novos são livres para execrar seus antecessores: estamos em casa e temos tempo*”. Esse novo, é buscado não enquanto síntese do antigo, mas como algo original. Entretanto, a própria ruptura com o que é considerado “antigo”, ou “clássico” o traz à tona enquanto negação, logo, esse novo não é algo que caiu do céu, mas sim uma síntese de um movimento histórico de transformação, reflexão e negação.

Nesse mesmo texto Rimbaud frisa o “desconhecimento de si” característica do homem moderno que se permite ser pensado pelos vários outros. Esse ser permite que pense e nesse movimento deixa de lado suas possibilidades de ser poeta; cuja premissa é o

conhecimento de si. No trecho abaixo, este critica o que chama de “inteligência universal”, e que podemos chamar de “razão iluminista”:

“A inteligência universal sempre lançou suas idéias naturalmente; os homens reuniam uma parte desses frutos do cérebro: agia-se por eles, escreviam-se livros: essa era a marcha, uma vez que o homem não trabalhava a si mesmo, não havia ainda despertado, não estava ainda na plenitude do grande sonho. Funcionários, escritores: autor, criador, poeta, esse homem nunca existiu!

O primeiro estudo do homem que quer ser poeta é seu próprio conhecimento, completo; ele busca sua alma, investiga-a, tenta-a, aprende-a. Assim que a conhece, deve cultivá-la; isso parece simples: em qualquer cérebro se realiza um desenvolvimento natural; tantos egoístas se proclamam autores; e há outros que atribuem a si mesmos seu próprio progresso intelectual!”(RIMBAUD,1994:132-5).

Mas esse homem que não se pensa, também nunca poderá se fazer poeta, pois o “ser poeta” para Rimbaud é primeiro buscar o seu próprio conhecimento, reconhecendo de início que “Eu é Outro”. O “despertar” de que este fala, é uma ruptura com uma razão que se impõe e pensa o outro não permitindo que esse outro “seja”. O que Rimbaud defende é a “voz subalterna” de um “eu” que quer se conhecer, reconhecer sua alteridade interior.

A busca deve ser iniciada em si, reconhecida em sua alma, surgir de dentro para fora, e não de fora para dentro, como a inteligência universal moldaria. O homem, para conhecer a si, deve fazer-se vidente:

“Digo que é preciso ser vidente, fazer-se vidente.

O poeta se faz vidente por meio de um longo, imenso e estudado desregramento de todos os sentidos. Todas as formas de amor, de sofrimento, de loucura; ele busca por si mesmo, esgota em si todos os venenos, para guardar apenas suas quintessências. Inefável tortura em que ele precisa de toda a fé, de toda a força sobre-humana; em que ele se torna entre todos o grande doente, o grande criminoso, o grande maldito, – e o supremo Sábio! – Pois ele chega ao desconhecido! Já que cultivou sua alma, já rica, mais que qualquer outro! Ele chega ao desconhecido; e quando, enlouquecido, acabar perdendo a inteligência de suas visões, ele as viu!” (RIMBAUD, 1980: 186).

A imaginação poética apresenta-se como força infinita que interfere e media a formação do processo de conhecimento por meio do enfraquecimento da razão como elemento

estabilizador e determinante, assim, o tornar-se vidente seria também enfraquecer a razão por meio da re-valorização dos sentidos (emoção e da sensibilidade) que permitiria chegar ao autoconhecimento ou “ao desconhecido”. A proposta poética de Rimbaud é uma proposta de resgate das emoções, do sensível e dos sentidos capazes de propiciar conhecimentos que a razão não permite.

Sua busca reside num conhecimento Alquímico, ou híbrido: que nasce de muitas misturas e da tentativa de casar razão e emoção na busca pela quintessência de todo o conhecimento. Em sua “Carta ao Vidente”, Rimbaud comenta a própria escrita e aponta a tarefa do poeta vidente: “chegar ao desconhecido pelo desregramento de todos os sentidos”. A criação poética implica, desde seu início, a ação do caótico, do indeterminado e do obscuro, suspendendo o sujeito de sua consciência e permitindo que o trabalho interno do alquimista/poeta se realize.

Ao fazer isso, ele reafirma o que se constituirá como imperativo do sujeito moderno: deslocar o eu pensante para o eu pensado e permitir que a imaginação atue como articulador central do heterogêneo. Esse heterogêneo se faz presente em toda a sua narrativa poética, sendo particularmente solidificado na frase “*Je est un autre*”, tão repetida em suas cartas e vivenciada em sua biografia de vida.

Sua “Carta ao Vidente” convoca à vidência como tarefa de abertura da alma ao desconhecido, ao novo. Uma vez que “fazer-se vidente” é, ao mesmo tempo, desbravar a alma, investigando-a, aprendendo-a, cultivando-a a tal ponto que o vidente chegue deliberadamente ao excesso no próprio desregramento, ou seja, transmutando seu próprio eu em algo novo, para que seja possível cruzar o limiar das semelhanças em direção ao heterogêneo.

Esse heterogêneo está no cerne do seu “enunciado subalterno”, bem como seu retorno às emoções e aos sentidos em detrimento de uma razão hegemônica. Ao libertar-se aceitando ao máximo o desregramento dos sentidos, se tornando doente, criminoso e se mantendo fora de si o poeta vê suas próprias visões, e o eu torna-se um outro – o outro heterogêneo que suspende a própria subjetividade e permite um olhar que devolve esse eu a uma nova razão. Essa é a voz e o olhar subalterno de Rimbaud.

Nessa voz onde heterogeneidade é a regra e as categorias opostas não só coexistem como se tornam desejáveis, na promoção de uma subversão de tudo que seria organizado pela razão hegemônica, o inominável se torna visão do poeta que se faz vidente.

5. EIS O VIDENTE: O POETA SUBALTERNO

Seguindo as indicações de BHABHA (1998) sobre as vozes subalternas, quando contribuimos para construir novos discursos alternativos sobre o humano, estamos efetuando “bricolagens de narrativas” aderindo ao hibridismo e recorrendo a várias vozes, incluindo nossos próprios gritos interiores, nossos devaneios, angústias e porque não, nossas vontades inconscientes, uma vez que essas habitam os ditos e os não ditos.

Essas vozes são identificáveis ao longo das obras de Rimbaud e em especial nessas que trabalhamos para fins do presente trabalho. Esse lugar imperceptível que o subalterno coloca em evidência reflete um discurso carregado de sentido de deslocamento, comum às vozes periféricas. No caso de Rimbaud, esse deslocamento refere-se ao próprio deslocamento do “eu pensante”, da própria voz que se coloca a enunciar e rompe com um passado projetivo, do eu que é pensado, do “pensam-me” logo existo que o poeta destaca em sua carta.

Esse sujeito provisório, circunstancial e cingido entre o sujeito falante e um sujeito falado reflexivo de Bhabha (1998:93), um sujeito híbrido enquanto parte integrante da modernidade em estágio exacerbado.

O que o autor irá denominar “agência colonial”, bem poderia ser traduzido no caso de Rimbaud como “tornar-se poeta”. Essa não é um processo linear, mas sim, um processo que resulta e se molda a partir do deslocamento das temporalidades, ou seja, uma construção de si que no caso da agência colonial se dá em condições de alteridade e conflito.

Diferente dos autores que defendem a “hibridação” enquanto um conceito ou questão, para Bhabha essa seria um dado, uma característica dessa modernidade, a partir da qual podemos vislumbrar o enunciado subalterno produzido nos inter-tempos, deslocando-se e causando rupturas.

O processo de hibridação é a base da tradução pós-colonial refletida por Bhabha e

Canclini¹⁰.

Em ambos os casos, trata-se de formas de ver e perceber a modernidade enquanto um movimento, enquanto uma rede de amplas conexões e sempre aberta a traduções e novas conexões. Processo esse que nos lembra a seguinte passagem em Rimbaud:

Pois EU é um outro. Se o cobre desperta clarim, não é por sua culpa. Isso me é evidente: assisto à eclosão de meu pensamento; contemplo-o; escuto-o; faço um movimento com o arco: a sinfonia faz seu movimento no abismo, ou de um salto surge na cena.[...] Se os velhos imbecis não houvessem encontrado do Eu apenas a significação falsa, não teríamos que varrer estes milhões de esqueletos, que há um tempo infinito, acumularam os produtos de sua inteligência caolha, proclamando-se autores!(RIMBAUD,1994:132-5).

Esse movimento envolve poder, lutas por poder de classificação, experiência de tradução, heterogeneidade e a experimentação de diversas posições e contextualizações. Afinal, o enunciado subalterno tem, além do eu falante e do eu falado, um lugar de onde se fala. No caso de Rimbaud uma periferia intelectual, adolescente, camponesa de origens híbridas ocidentais. Ao denunciar e encenar o deslocamento do EU e a disjunção entre sujeito falante e sujeito falado, eleva sua voz subalterna. Denuncia o sujeito circunstancial moderno ao declarar uma nova proposta de empreender o conhecimento através do “desregramento dos sentidos”, eis a nova alternativa que surge do enunciado subalterno em Rimbaud. Trata-se da proposta de recuperação da dimensão do sensível, em pleno período de exaltação da razão. Sua proposta subverte as proposições iluministas, subverte a hegemonia da ciência e vai de encontro ao desconhecido.

Bhabha(1998) sugere espaço e tempo diferentes para compreender o lugar subalterno, e Rimbaud propõe o “total desregramento dos sentidos” para que o poeta se faça vidente e alcance o inominável, o desconhecido. Ser capaz de ver as próprias visões é uma capacidade do poeta que é capaz de deslocar-se por um novo tempo-espaço dos sentidos, se tornando capaz de tornar-se:

o grande doente, o grande criminoso, o grande maldito, – e o

¹⁰ Que faz uma excelente conceitualização do mesmo.

supremo Sábio! – Pois ele chega ao desconhecido! Já que cultivou sua alma, já rica, mais que qualquer outro! Ele chega ao desconhecido; e quando, enlouquecido, acabar perdendo a inteligência de suas visões, ele as viu! (RIMBAUD, 1980:186).

Rimbaud, semelhante às vozes latino-americanas de Canclini, fala enquanto ocidental, moderno demais, camponês demais, e jovem demais para uma França burguesa e cheia de ressentimentos por um projeto de Modernidade que nunca se concretizou.

Nesse sentido, considero possível falarmos numa experiência de subalternidade que no seu caso teria se traduzido e se frutificado na arte, sendo produzido na liminaridade, no entremeio onde circulam as heterogeneidades, onde o diferente é a regra. Rimbaud é um ocidental subalterno que denuncia esse modernidade “sempre outra”, que nas frases de Octavio Paz iriam ressoar mais futuramente:

Ao dizer que a modernidade é uma tradição cometo uma ligeira inexatidão: deveria ter dito OUTRA tradição. A modernidade é uma tradição polêmica e que desaloja-a para, num instante após, ceder lugar a outra tradição, que por sua vez, é outra manifestação momentânea da atualidade. A modernidade nunca é ela mesma: é sempre outra. (PAZ,1984)

Assim como o “Pachuco” analisado por Santiago (1978), o híbrido é esse ser que está no “não ser”, que re-inventa seu cotidiano, subverte, e está sempre em trânsito, no entremeio, e representa em si um potencial emancipatório. Esse potencial é latente em Rimbaud, que teve a coragem de propor uma nova forma de empreender o conhecimento, completamente nova, outra alternativa. Mesmo enquanto herdeiro da tradição ocidental e do elogio à razão, este propõe o resgate da emoção, o retorno ao homem sensorial. Trata-se de novas perspectivas epistemológicas, de uma proposta que ele considera ser uma “vidência”, ao convidar aquele que o lê a “tornar-se poeta”.

Não existe maior prova dessa proposta que o próprio “silencio de Rimbaud”, como classificam os seus biógrafos acerca de sua época no Oriente¹¹. A sua vida sofrida na

¹¹ Período em que Rimbaud abandonou seus escritos se dedicando a atividades comerciais nos países do Oriente, em especial na África, onde trabalhou como mercador, desbravando territórios pouco freqüentados por europeus. Nessa sua aventura que é considerada por alguns teóricos como um período de “negação da poesia”, uma vez que esse dizia não ter quaisquer relações de parentesco com um “poeta chamado Rimbaud”, chegando a utilizar o nome de seu pai. Foi, em minha reflexão, uma época em que Rimbaud apenas deixou de escrever poesias para viver seu projeto poético: desbravar, “retornar ao sol”.

África, que transformou sua fisionomia franco-germânica em algo próximo a uma imagem clássica de um mouro, significou o cume de sua experiência subalterna e ainda mais liminar: Já que apesar de sua resistência em aceitar seu lugar enquanto “colonizador” – fato comprovado por seus colegas de trabalho que diziam ser esse solidário aos viajantes pobres e aos povos nativos, cuja língua esse fazia questão de aprender - Rimbaud foi colonizador e colonizado, possibilitando assim, uma condição sem igual para pensar sua posição enquanto “eu deslocado”.

Em sua biografia sobre seus anos na África, escrita por Charles Nicholls (2007), são citados trechos que evidenciam sua identificação com os mendigos, nativos e viajantes:

[...] Existe aquela profunda empatia que sentia pelos pobres e despossuídos da cidade: aquela “caridade” que é um dos temas sociais permanentes de sua poesia, e também um aspecto frequentemente observado de sua vida na África. Ele conhece na própria pele a fome e a falta de um teto (...) Há sem dúvida uma ironia na identificação de Rimbaud com o “selvagem” ou o “negro” que é vítima dos colonizadores europeus.

Nicholls cita alguns relatos de pessoas com que Rimbaud teria trabalhado e mesmo desenvolvido alguma relação mais próxima, como é o caso de Bardey, com quem trabalhou numa firma em África, tendo viajados juntos e convivido durante alguns anos. Este amigo teria dito sobre Rimbaud:

Ele era bom, naturalmente e sem sofisticação, com os meskines (mendigos) e algumas vezes com os viajantes que haviam perdido tudo em alguma aventura e precisavam ser repatriados. Em nossos escritórios e armazéns, pude ver alguns inusitados exemplos disso, que não foram em si extraordinários mas que, ainda assim, me surpreenderam porque não me pareceram de acordo com seus modos frios e reservados. (Cit. NICHOLLS, 2007:161)

Esse mesmo amigo diria em sua morte a respeito do Rimbaud negociante:

[...]Por sua paixão pelo desconhecido, e por sua personalidade,

Não existe dúvidas de que o jovem Rimbaud tenha se decepcionado com a intelectualidade francesa de sua época, mas isso se deu mais pelo fato de não se sentir compreendido, uma vez que a vivência subalterna era restrita em seu círculo social, este era visto como um louco, sua voz ainda não ecoava. Na África, em meio àqueles que efetivamente se encontravam em posição de subalternidade com o Ocidente, Rimbaud se encontrou, viveu sua proposta poética ao se misturar entre aborígenes, magos e loucos – os verdadeiros agentes do que Minolo identificou na atualidade como “Colonialidade Subalterna”.

absorvia avidamente os aspectos intelectuais das regiões por onde viajava. Aprendia idiomas ao ponto de conversar com fluência em cada região; e assimilava, tanto quanto possível, as maneiras e costumes dos povos nativos (Cit. NICHOLLS,2007:164)

Sua capacidade de se solidarizar com mendigos, nativos e outros “subalternos” apenas reforça a hipótese que trabalho desde o início deste trabalho : Rimbaud seria enquanto ocidental, meio francês, meio alemão, camponês, intelectual adolescente; um exemplo de enunciação subalterna na modernidade? E sua enunciação poética, bem como os seus relatos biográficos podem fornecer, a nós seus rastreadores, possibilidades inúmeras de reflexão sobre as transformações nas subjetividades em condições de subalternidade – cuja percepção dos processos de hibridação enquanto um dado, podem ser de enorme auxílio para uma investigação acerca da modernidade, que permita o vislumbre de visões antes não exploradas e não consideradas pela razão hegemônica?

Sua capacidade de absorção e assimilação da cultura e costume nativo, revelam um Rimbaud antropólogo, um etnógrafo nato, capaz, como ninguém, de captar o Outro nativo enquanto um igual-diferente, mais igual do que diferente de si mesmo. Não era só uma questão de apreender a língua nativa para comercializar, vender, ou dominar. Era um apreender de cultivar, de se abrir ao outro e ao desconhecido, fazendo de sua caminhada pelo deserto africano, uma efetivação das visões que descrevia em suas poesias. Visões que passou a desejar, a empreender enquanto obra de vida. Como afirma Nicholls: “Existe nele, ao longo desses anos africanos, um senso de drástico esforço físico, testando os seus próprios limites: uma busca dos extremos” (NICHOLLS, 2007:177). Os extremos de seus próprios limites, de sua alma, se seu corpo físico, ele estava desbravando a si mesmo, ao mesmo tempo que permanecia aberto do outro do desconhecido, mesmo que para isso desse seu sangue.

Sabia, e se resignava com o fato de ter que “ganhar a vida”, reconhecia que não existia nada de poesia no que fazia, mas vivia a cada dia com a mesma intensidade com que escreveu sua “visões”. Sua transformação na África, a perda de seu semblante infantil, sua vitalidade juvenil, sua agressividade natural é fruto de seu amadurecimento, um processo inevitável, como descreveria o próprio Rimbaud sobre a sua necessidade de trabalhar, em uma carta enviada a sua mãe:

[...]No momento estou ganhando a minha vida aqui, e já que todo homem é um escravo dessa necessidade miserável, em Aden como em qualquer outro lugar, é melhor em Aden do que em qualquer outro lugar, onde eu seria desconhecido e totalmente esquecido, e onde teria que começar tudo novamente [...] Afinal como dizem os muçulmanos: está escrito! Assim é a vida, e não há nada de engraçado! [...] Sinto que estou ficando muito velho rápido demais, nesta ocupação imbecil, na companhia de selvagens ou idiotas. (Carta de 10 de Setembro de 1884. Cit. NICHOLLS, 2007:157)

A necessidade de trabalhar, de se permitir ser explorado por “imbecis”, isso se torna evidente no “abandono da poesia” por parte do poeta, mas erram aqueles que consideram que este tenha parado de escrever. Suas cartas, assim como suas obras são relatos ricos de sua resistência pessoal, de sua crítica e reflexão sobre a modernidade, e sua resistência à opressão dos colonizadores europeus, com os quais nunca se identificou. Por isso Rimbaud era considerado “reservado e fechado”, diferente do Rimbaud poeta que era visceral, escandaloso, rebelde, sem reservas e sem limites.

As “condições da modernidade” nunca estiveram mais claras em suas poesias, não são apenas frases, figuras, cores e sons, são fatos, são relatos e desabafos à mãe, aos amigos e a sua irmã. O híbrido Rimbaud é poeta e negociante, pois é sobrevivente e resistente. É uma voz subalterna que não se permitiu calar, nem mesmo quando se tornou parte daquilo que repudiava. O repúdio à poesia, sua frustração, seriam, pois, evidências de sua resistência ao posto, são traços de seu comportamento subversivo e insubordinado, até o fim: traços de um poeta viajante subalterno.

Negação, ruptura, conversão: são movimentos constantes na vida e obra desse poeta, e podem ser identificados enquanto características dessa modernidade em exacerbação. A sensibilidade de Rimbaud o fez visionário de sensações e sentimentos que seriam mais comuns na atualidade, onde os processos de deslocamento do eu, e de desconexão tempo-espaço, se encontram consolidados e constituintes dos processos de subjetivação atuais.

O que se pretendeu mostrar neste capítulo, foi como o campo de visões/enunciações da subalternidade presentes nas citadas obras de Rimbaud e também experienciada pelo próprio poeta em sua fugas de casa e “aventuras” pela África, podem servir de modelo para se compreender melhor o enunciado subalterno em condições de modernidade,

onde as discussões sobre “subalternidade” e “pensamento pós-colonial” colocam em evidência a hibridação constituinte da modernidade e a importância de se considerar os processos de hibridação para uma análise da realidade que leve em conta a emoção, os sentidos e o deslocamento dos inter-tempos contemporâneos. Esse exercício de aproximação, comparações e às vezes apenas reflexão inflexiva, tem por objetivo superar as resistências epistemológicas ao resgate do sensível, assim como trabalhar na perspectiva anunciada por Bhabha (1998) que destaca a hibridação enquanto dado, enquanto base dos processos de tradução da modernidade.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando iniciei este trabalho uma indagação sempre me atravessava, devido a minha formação fortemente influenciada por um marxismo enlatado; “qual seria a utilidade deste trabalho sobre o qual me debruço, para além de uma realização auto-gozante, e extremamente prazerosa que são sempre os encontros inesperados?, Qual seria a utilidade, ou pelo menos o caráter pragmático de uma análise como a que me propus aqui? Não estaria eu, deturpando o real valor que a ciência social deve condensar, que é versar sobre os problemas de seu tempo?”

Bem, poderia sim estar exercendo, uma reflexão estéril do ponto de vista da transformação social, e inútil do ponto de vista funcional, se minhas reflexões não tivessem produzido as indagações que aqui chegamos.

Não posso dizer que tenha encontrado uma razão pragmática para as considerações que faço aqui, nem mesmo que tenha encontrado qualquer lei geral, para além de algumas proposições com pretensões críticas, mas nem sei se posso chamar o que fiz agora de sociologia, preferia o termo “antropo-sociologia-literária”, embora já tenham me rotulado precocemente de “sociologia dos intelectuais”. Uma vez que meu sujeito-objeto é Rimbaud, acredito que este jamais aceitaria uma alcunha tão carregada de pompas ao gosto da burguesia, mas talvez, possamos encontrar hoje, algo de nobre ou eclesiástico na palavra “intelectual”, mesmo com todo o tom de exclusão que este termo carregue em si. De todo modo, acho que ele preferiria a palavra “poeta” ou “vidente”, o

que não faz de mim nem uma socióloga da vidência nem da poesia.

De todo modo, rótulos são necessários, tanto quanto a citação e reverência aos que vieram antes, nunca apologia, espero eu! Meu encontro com Rimbaud não procurou fazer elogios ou apologias ao poeta, nem mesmo criar a sua volta uma áurea de “intelectualidade”, mas talvez tenha tentado resgatar no âmago de sua alma adolescente uma voz da subalternidade, ou de muitas subalternidades, como procurei demonstrar aqui.

A necessidade da sociologia mergulhar na poesia ou na literatura já era anunciada por Roger Bastide (1983), para o referido autor a sociologia deveria reconhecer que o “real” nem sempre se submete às leis do espírito, e por isso, o “irracional” deveria ser também destrinchado e valorizado pela sociologia, que poderia prezar pela estética, condições de autoria ou uma análise de contexto e obra, por exemplo. Bastide discorre sobre a importância de se considerar a irracionalidade e não apenas o racional quantificável das ciências exatas, observando que as ciências da natureza também já teriam percebido essa dificuldade:

[...]essa parte irracional, enorme no domínio da natureza, aumenta ainda mais quando se passa para o domínio das ciências do espírito. Ficamos diante de um dilema: a sociologia se limita à descrição do que é racional na sociedade, formando um todo harmonioso mas cheio de lacunas, ou então resolverá ser uma ciência total e terá de reproduzir uma imagem desses elementos irracionais, desses fundos perturbadores e sentimentais, desses movimentos de massa, dos ditames do inconsciente coletivo. Não vejo meio para isso senão a expressão poética [...] a estética é uma tendência universal e permanente da humanidade, que existe desde o tempo dos habitantes das primitivas cavernas [...] E uma vez que a sociedade é formada de homens, forçosamente devemos tornar a encontrar nela elementos estéticos. A estrutura social não é somente um conjunto de relações de status, de comportamentos ou de regras, é uma organização na qual se imprime um pouco da atividade estética dos homens [...] a comunhão se faz na poesia, concluindo, não há sociedade sem representações coletivas, sem um certo peideuma, uma certa configuração espiritual [...] (BASTIDE, 1983:85-86)

O referido sociólogo, atentava para a importância da literatura, em especial a que era produzida por autores e artistas negros, destacando como seu “lugar social” enquanto

negro, pobre e representante de um estigma social, refletia na produção cultural e intelectual no Brasil, tanto como forma de resistência a um estigma negativo do “ser negro”, quanto de forma a reproduzir esses mesmo preconceito social da qual eram vítimas.

Bastide defende enquanto sociólogo a importância da produção artística e cultural para o que ele chama de “poesia sociológica” (BASTIDE, 1983). Essa expressão é utilizada pelo autor para se referir a uma sociologia dos sentimentos, das emoções e fortemente instrumentalizada a partir da expressão poética de uma sociedade, cultura ou grupo cultural.

Bastide lançou o que pode ser considerado as bases de uma sociologia da estética, identificando a literatura, as produções artísticas, e as expressões estéticas e culturais, enquanto fontes para a sociologia, a partir da adesão a um olhar sobre as sensibilidades estéticas e do esforço por uma sociologia estética, que poderia trazer novos olhares para os fenômenos sociais e a própria compreensão das estruturas sociais, a partir de uma leitura da atividade estética produzida culturalmente.

Mesmo conhecendo os argumentos de Bastide, e tendo como inspiração autores como Walter Benjamin, Silviano Santiago, Marcelin Pleynet, entre outros que se debruçaram sobre literatas, poetas, músicos e a produção artística de seu tempo - ou tempos passados - para se compreender as transformações sociais e na forma de pensar contemporânea (e acrescento aqui, na própria construção de uma história do pensamento ocidental), desde o início desse trabalho, uma preocupação dominava minha mente: “que utilidade teriam estas reflexões para além de uma crítica a ciência, à eleição do ocidente como berço e irradiador das verdades universais, e um apelo a um repensar o status das ciências sociais já presente em Spivak (2010), Hommi Bhabha (1999), Harnnerz (1997) e Eduardo Viveiro de Castro (2002), no Brasil, e muitos outros?”.

E ao responder a mim mesma essa indagação, concluí que Rimbaud talvez exprima, ao seu modo, em seu contexto e em seu tempo, a vontade de reconhecimento que costumamos ler na juventude de hoje. Não que este germen não esteja presente em mentes brilhantes da contemporaneidade, mas porque suas vozes estão vendidas ou silenciadas numa

sociedade que procura assimilar o heterogêneo apenas para colocá-lo a venda nas prateleiras.

A juventude de Rimbaud tem muito de diverso da nova juventude das Raves, do uso irresponsável de drogas, da experimentação que leva a insatisfação constante e interminável? Certo que sim, mas também possui muito de similar, muito de próximo e por que não poderíamos identificar sua subalternidade em contexto colonial refletida, com suas diferenças e especificidades, na subalternidade das subjetividades contemporâneas?. O “Eu” Rimbaudiano continua vivo, continua produzindo vozes exiladas no seio de suas próprias pátrias, continua se constituindo na sobreposição, na contingência e não apenas numa alteridade que revela a dimensão material, mas sim na complexa e caótica fábrica de sujeitos subalternos híbridos.

Como desde o começo, tenho feito aqui, denuncio a partir da identificação de diversas subjetividades subalternas (devir homossexual, devir aristocrático, devir pobre, devir viajante) em Rimbaud, uma modernidade que nunca foi homogênea e é intrinsecamente contraditória, e a existência de um “Eu” múltiplo, fragmentado, cindido, conflitivo, não encerra-se na alteridade de um “eu” versus um “outro”, em uma forma de exclusão recíproca, mas sim, representa um “outro” projetado por esse “eu”, contido neste, numa espécie de sobreposição que produz um sujeito híbrido.

Longe de propor uma re-significação do que hoje chamamos de “alteridade”. Essa nova visão sobre a alteridade proposta aqui, visaria sair do “ego” de um “eu” que se cria e re-cria em oposição a um “outro”, para um co-pertencimento do “eu” com o “outro”, convertendo-se o “eu” em “tu” da subalternidade, e o mesmo eu do auto-conhecimento.

“Terminei achando sagrada a desordem de meu espírito”(RIMBAUD, 1983:.65), disse Rimbaud expressando como a sua poesia possibilitava o acesso ao conhecimento mais precioso e caro; o seu auto-conhecimento. Ao meu ver, essa é a única conclusão que me permito chegar aqui, esse deve ser o caminho das ciências sociais: o auto-conhecimento. Mais que buscar no passado explicações para os problemas presentes, e para além de evitar a transposição das teorias européias em prol de um pensamento Latino Americano original, temos, enquanto cientistas sociais brasileiros, que buscar o nosso auto-conhecimento, redefinir a nossa ciência, ou seja, nossa forma de pensar (RAMOS,

1995), e porque não, a nossa necessidade carente de reconhecimento acadêmico a partir da reprodução daquilo que não nos pertence e que ao nosso mundo, serve somente - e talvez nem assim, como ponto de partida para uma emancipação de idéias, categorias, noções e olhares.

Não podemos achar que uma ciência social brasileira seja uma questão de “nomenclatura” ou “redefinição de categoriais”, temos que libertar nossos sentidos, e empreendermos um desregramento de nossas visões de mundo, de nossas categorias frias e presas aos binarismos modernos (frio – quente, sagrado – profano, real – irreal, razão – emoção, objetivo – subjetivo). Sim, essa análise, embora cheia de limitações, traz a tona, no mínimo a necessidade de revermos o próprio conceito de “ciência”, e mais especificamente, o que entendemos por “ciência social” em contexto capitalista, industrial (ou semi industrial) contemporâneo.

Levando-se em conta as características fundantes de nossa forma de pensar brasileira: 1) dependência dos países europeus, 2) democracia em constituição e definição, 3) uma idéia de nação que nasce antes da nação propriamente dita (RAMOS, 1995), 4) uma grande diversidade e criatividade na composição das formas de pensar o mundo social e as relações sociais, bem como as estruturas sociais vigentes, temos um verdadeiro monstro híbrido, alimentado de várias fontes, diferente da nobre divisão de escolas de pensamento europeu, eis o pensamento social brasileiro, nem melhor nem pior, mas diferente, em busca de se auto-descobrir.

E como não podia deixar passar, uma vez que este trabalho se encontra embebido de poesia, tentarei fazer algo também diferente, ao finalizar estas reflexões, por que não finalizar de onde começamos, esperando que uma dia:

*Das escuras nuvens que estes pensamentos choveram,
Encontrar desperto o ardor do inacabado,
Já que pensamentos surgem donde outros se perderam e
E se iniciam de onde jamais foram acabados.
Quem dera eu, ver uma tarde de calor dessa aurora de idéias,
Nunca se ponto, mas sempre indefinida num caleidoscópio de possibilidades.
Sem encontrar lei geral, para além da lei impressa em todos os espíritos:*

É preciso conhecer-se para conhecer; é fundamental descobrir-se poeta para se tornar poeta.

Assim é a fome de conhecer, esta não se sacia nunca, nunca se finda e sempre se renova.

Tal como o tempo que não deixa se domar, eis o conhecimento livre.

Não desejo nada que não já o tenha em mim, desde que me descubra;

O conhecimento sem auto-conhecimento é a perda de si e do Outro,

É enganar-se e enganar, é mentir e tornar o real, traços virtuais de um eu que nunca se mostra, está sempre se escondendo.

Oh pureza! Eis a maior das ilusões, eis o fetiche, tal como a felicidade que nos ensinaram quando crianças!

Doce ou amarga, eis a realidade da qual buscamos encontrar uma pureza e um amor que nunca existiu em canto algum.

Eu mesma,

5 - REFERENCIAS

BHABHA, H. *O Local da Cultura*, Belo Horizonte, Ed. UFMG. 1998.

BASTIDE, Roger. *Roger Bastide: Sociologia*. Organizadora: Maria Isaura Pereira de Queiroz. Editora Atica, São Paulo. S.P, 1983.

BERMAN, Marshall [1982]. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

CORONIL, Fernando. Natureza do pós-colonialismo: do eurocentrismo ao globocentrismo. In: *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais*.

Perspectivas latino-americanas. Edgardo Lander (org). Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. setembro 2005. pp.105-132. Disponível em: <http://www.bibliotecavirtual.clasco.org/libros/lander|pt|Coronil.rtf>.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. *Diálogos*. São Paulo: Escuta, 1998.

DILTHEY, Wilhelm. *Psicologia y teoría del conocimiento*. Mexico: Fondo de Cultura conômica, 1945.

ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador*, 1 vols. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

FAGE, J. D. Continuity and change in the writing of African history. *African Affairs*, 70, 1971.

_____. Evolução da historiografia da África. In: KI-ZERBO, J (Org.) *História Geral da África. Metodologia e Pré-história da África*. São Paulo: Ática/Unesco, 1982. v. 1.

FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Juiz de Fora: UFJF, 2006

GUATTARI, F; ROLNIK, S. *Micropolítica: Cartografia do Desejo*. Petrópolis: Vozes, 1986. 327p.

HALL, S. 2002 *A Identidade na Pós-Modernidade*, Rio de Janeiro, Ed. DP&A.

HANNERZ, Ulf. Fluxos, fronteiras, híbridos: palavras-chave da antropologia transnacional. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, Apr. 1997. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-3131997000100001&lng=en&nrm=iso>. access on 12 Nov. 2010. doi: 10.1590/S0104-93131997000100001.

JAEGER, Werner. *Paideia – A formação do homem grego*. São Paulo: Martins Fontes.

JONES, A. German Sources for West African History 1599-1669. Wiesbaden: Franz Steiner Verlag (Studien zur Kuturkunde 66), 1983.

LANGLOIS, C.-V. ; C. SEIGNOBOS. *Introduction aux études historique*. Paris: Kimé, [1898] 1992.

LANGER, Johnni. Civilizações Perdidas no Continente Negro: o imaginário arqueológico sobre a África. *Mneme: Revista de Humanidades*, vol. 7, n.14, fev./mar. 2005. ISSN 1518-3394.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Ed. Unicamp, 2003. pp. 7-22; 127-46; p. 423-483; 467-77.

LORIGA, Sabina. A biografia como problema?. In: REVEL, Jacques (org.). *Jogos de escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998. pp. 225-249.

MADÉLENART, Daniel. *La biographie*. Paris: PUF, 1984.

MIGNOLO, W. *Histórias Locais / Projetos Globais*, Belo Horizonte, Ed. UFMG, 2003.

NICHOLLS, Charles. *Rimbaud na África: os últimos anos de um poeta no exílio (1880-1991)*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.2007.

PAZ, Octavio. *Os Filhos do barro: do romantismo à vanguarda/ Trad:Olga Savary*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1984.

PYSTHON, Ângela. Imagens periféricas: entre a hipérbole freak e a voz do subalterno. *Biblioteca online de ciências da comunicação*. Actas do III SOPCOM, VI LUSOCOM e II IBERICO – Vol. 3 .pp. 441-449. Em 20 de janeiro de 2010. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/prysthon-angela-imagens-perifericas-entre-a-hiperbole-freak-e-a-voz-do-subalterno.pdf>. Acesso a 10/08/2010.

POLLACK, M. Memória e Identidade Social. In: *Estudos Históricos*, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

POLLAK, M. Memória, esquecimento e silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

RAMOS, A. G. *Introdução crítica à sociologia brasileira*. Série Terceira Margem. : Editora:UFRJ. Rio de Janeiro, 1995.

REIS, Luis Augusto da Veiga Pessoa. Trupe do Barrulho, vozes silenciosas. *Entre o teatro subalterno e os mass media – o sucesso do subalterno no Recife dos anos 90*. Recife- PPGCOM – UFPE. 2003. [Dissertação de Mestrado].

REVEL, Jacques (Org). *Jogos de escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

RIMBAUD, Athur. *Uma Estadia no inferno*. 2ª Ed. Tradução Ivo Barroso. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1983.

RIMBAUD, Arthur. *Uma Temporada no Inferno*. (trad. Paulo Hecker Filho). Porto Alegre: L&PM, 2001.

RIMBAUD, Arthur, *Poesia Completa*, organização e tradução de Ivo Barroso, Editora Topbooks, Rio de Janeiro, 1994.

RIMBAUD, Arthur. *Iluminuras: gravuras coloridas*. Tradução de Rodrigo Gracia Lopes e Maurício Arruda Mendonça. 3ª edição. Editora Iluminuras.São Paulo, São Paulo,2002.

RIMBAUD, A.; LAUTRÉAMONT; CORBIÈRE, T.; CROS, C. *Oeuvres poétiques complètes*. Paris: Robert Lafont, 1980.

RODRIGUES, Marcia, B.F. Razão e Sensibilidade: reflexões em torno do paradigma indiciário. In: *Dimensões - Revista de História da Ufes*. Vitória: UFES, Centro de Ciências Humanas e Naturais, n° 17, 2005. 213-221 pp.

ROUSSO, Henry. "A memória não é mais o que era". In: AMADO, Janaína & FERREIRA, Marieta. (Cords.). *Usos e abusos de história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1998, p. 93-101.

SAID, Edward W. "Exílio intelectual: expatriados e marginais". *Representações do intelectual*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

_____. *Orientalismo. O oriente como invenção do Ocidente* São Paulo, Companhia das Letras, 1990.

SANTIAGO, Silviano. *Uma literatura nos trópicos*. São Paulo Perspectiva, 1978.

SPINK, M. J. (Org.). *Práticas discursivas e Construção de Sentidos no Cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas*. São Paulo: Cortez, 1999.

SPIVAK, Gayatri C. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

SOUSA SANTOS, B. de. 2009 *A crítica da razão indolente*, São Paulo, Cortez.

TODOROV, Teveztan,. *Nós e os outros*. A reflexão francesa sobre a diversidade humana. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.

VIVEIRO de Castro, Eduardo. *A inconstância da alma selvagem - e outros ensaios de antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.